

O futebol, a vida e a dignidade.

Jorge Luiz Souto Maior^(*)

A morte do jovem boliviano de 14 anos, Kevin Espada, em uma partida de futebol, após ser atingido por um sinalizador naval, que tem a capacidade de atingir 300 metros em 3 segundos, impõe-nos a produção de uma racionalidade que reconheça o total absurdo da situação, que foge de qualquer parâmetro de civilidade, e que conduza o convívio nos estádios a outro patamar. A identificação dos culpados diretos, atribuindo-lhes uma punição, com respeito aos preceitos jurídicos da ampla defesa, é essencial, mas não é o bastante, pois, há de se reconhecer, não se trata de um fato isolado ou da ação exclusiva de um ou de alguns poucos torcedores. A atitude de uma pessoa de levar a um estádio de futebol um artefato como o que gerou a tragédia está integrada ao contexto da grave distorção que se instalou nos estádios de futebol (e fora deles) no sentido de que a violência, individual ou coletiva, está justificada pelo impulso do ato de torcer.

Do ponto de vista específico, é importante consignar que ninguém pode ser condenado sem a plena possibilidade de se defender, exigindo-se a necessária apuração dos fatos, mas é impossível não deixar de destacar a enorme afronta à convivência humana que constitui a conduta de conduzir um artifício daquela natureza a um estádio de futebol.

Visualizando a questão por um ângulo mais amplo, o mais relevante é a produção de uma racionalidade que possa nos conduzir à superação do problema da violência gratuita que se pratica em nome do futebol.

Nessa busca, mesmo reconhecendo a relevância do futebol na vida econômica e na construção da identidade cultural, como se dá, ademais, com diversas outras práticas sociais, ainda que ligadas ao aspecto restrito do lazer, há que se fixar o pressuposto de que o futebol sucumbe quando contraposto a outros valores fundamentais. No caso em concreto, fica muito evidente a fragilidade da importância do futebol diante do valor vida.

Perante uma situação como a que se verificou na Bolívia, o maior problema que pode advir se situa na tentativa de se encontrarem razões que minimizem o valor vida em prol do prosseguimento normal do esporte, ou, mais ainda, da continuidade incólume dos negócios do futebol. É um grande desserviço à

^(*) Professor da Faculdade de Direito da USP.

humanidade pautar-se pela necessidade exclusiva de dar seguimento ao show, valendo-se, para tanto, de retóricas que tendam a transformar o ocorrido em mero incidente, expressando argumentos como os de que “uma pessoa sozinha não representa a torcida corinthiana”, que “o ato do torcedor não deve ser transferido ao clube”, que “não é a primeira vez nem será a última que alguém morre em um estádio de futebol”, que “uma punição ao Corinthians só seria válida se outros clubes envolvidos em fatos análogos já tivessem sido punidos” etc...

Bem ao contrário, a postura essencial para a extração de aprendizados evolutivos sobre o fato inicia-se com o reconhecimento de que a beleza do esporte, a relevância de torcer coletivamente por um clube e o exercício legítimo da competição em palco específico valem infinitamente menos que uma vida. Em nome do futebol não se podem justificar quaisquer violências contra a condição humana.

Esse reconhecimento impõe uma racionalidade que não acomode a situação e sim que afirme a sua gravidade e que busque soluções para a superação do contexto em que a violência se insere, independentemente da punição penal que se apresente ao responsável direto pela situação. É necessário, para todos e em especial para os torcedores do Corinthians, até para que não assumam a visão negativista da expressão “bando de loucos”, rechaçar todos os argumentos que, em prol da continuidade do show e dos negócios do futebol, vislumbrem transformar o fato ocorrido em um nada ou em um fato normal.

Os loucos pelo Corinthians e pelo futebol devem ser, antes de tudo, loucos pelo respeito aos valores humanos. Assim, cumpre reconhecer que a busca do título dessa Libertadores perdeu toda significação e independentemente de punição externa o Corinthians deveria deixar a competição, além de efetivar um gesto mínimo de ofertar indenização à família de Kevin Espada.

Convenhamos, seguir em frente, participando da competição como se nada tivesse ocorrido, é completamente sem propósito. Seguir, cumprindo a punição de jogar sem torcida, só tem o sentido da satisfação dos compromissos econômicos, pois jogar sem a torcida, do ponto de vista da lógica do esporte e da sua representação social, é, por si, um desvirtuamento pleno de sentido.

Mas, em vez disso, o Corinthians recorreu da decisão punitiva, que já era, vale destacar, bastante branda, rejeitando sua responsabilidade e, por conseqüência, minimizando a relevância social e humana da tragédia. E, de repente, surge uma versão que tem a sua coerência e os seus fundamentos, mas que também é bastante eficiente não apenas dar continuidade ao negócio esportivo como também para

transformar o fato em uma circunstância isolada, advinda da ação de um “menimo” inconseqüente, favorecendo a manutenção das coisas exatamente como estavam, evitando punições e acreditando no rápido esquecimento...

Aos seres humanos corinthianos resta a postura mínima de dar adeus, expressamente, à Libertadores de 2013, sendo que se, por acaso, vier a ser demonstrado que a versão apresentada para o fato foi fruto de uma grande farsa, envolvendo pessoas e instituições (assumida, por óbvio, a presunção de que seja plenamente verdadeira, mas que em nada altera as conclusões anteriores), em vez de simplesmente desistir do futebol, como preconizou, com bastante dose de razão (e paixão), o jornalista, Juca Kfourri, já que um esporte que não respeita a vida e a dignidade das pessoas perde o sentido, será preciso, antes, exigir a punição de todos os que nela estejam envolvidos, pois que constituiria, por si, mais uma gravíssima violência.